

Pedro de Moira¹

(...) tratemos de outro poeta, que também viveu em Massejana pelos anos de 1836 a 1840.

Nessa época era comandante dum destacamento, que permanecia naquela vila, um alferes, que, naturalmente, porque os labores profissionais lhe deixassem tempo de sobejo, se entretinha a fazer a «sua decimasinha».

Gostava ele d'ouvir o Pedro de Moira – um vulto importante entre os poetrastos populares do tempo, mas a quem a penuria acompanhava e que vivia de fazer recados.

Quando pretendia, porem, glosar mote que fosse dado ao Pedro, a sua composição longe estava de parecer-se com a deste, ficando-lhe muito inferior em rima e conceito; dahi uma pontinha d'inveja e vontade de fazer-lhe *partida*. Soube o alferes que, havia em Ferreira do Alentejo, um outro poeta de fama provincial chamado Raio – raio que a todos *assombrava* nas contendas poeticas - e lembrou-se dele para amachucar as prosapias do Pedro de Moira: resolveu mandar este áquela vila, mas para que não desconfiasse do que lá ia fazer, deu-lhe um papel dobrado em forma d'oficio para ser entregue ao senhor administrador do concelho; mas como o Pedro era já velhote, teve compaixão dele e emprestou-lhe, para ir a cavalo, uma velha e tropega burra – tão velha como a de Balaão e tão magra como o Rossinante. Nuns esfiampados alforges mandou meter um pão ralo e um queijo de cabras.

Ora o papel que o Pedro levava julgando-o officio, que tratasse de coisas d'interesse publico, resava o seguinte, para o administrador, que já sabia quem era o Pedro:

Ahi vae Pedro de moira
A cavalo na «Paciencia»;
Vae servir Vossa excelencia
Feito o demo vaca loira(?)
Mande assentar-lhe a tesoiria
Por esse *Raio* que lá está,
Todo o meu gosto será
Darem-lhe lá uma surra;
Mas tratem dele e da burra
Não m'os leve o demo lá.

¹ Texto incluído em “De Roda do Lume: coisas do Alentejo” de Ernesto de Carvalho, s.d., dactilografado e incluído da obra “Fado Operário no Alentejo, séculos XIX – XX” de Paulo Lima, 2004, ed. Tradisom, Vila Verde, pp. 251 e 252.

Não nos foi possível saber o que se passou em Ferreira entre Pedro e o Raio – devia ter sido de respeito, ou de falta de respeito às Musas, a contenda.

Pedro voltou, mas só – faltaram-lhe a paciência para aturar a «Paciência» - esta provará-lhe que mais para adiante não ia porque não queria – estava no seu direito e ele também, por mais nas suas pernas confiar do que nas dela. Pedro, porém, não apareceu ao alferes; este manda-o chamar e apostrofa-o:

Pedro o que é feito de ti
Tu vieste e eu já sei
Mas ainda não te vi?!

Pedro responde incontinente

‘stou sentido da matraca²
P’los *traste* que m’impingiu
O pão e o queijo? *Caiu*
Cada um por sua enxada!...
A burra, que é velha e fraca,
Serviu-me mais mal que bem;
Puxões dei-lhe mais que cem
Por se ver em terra estranha!
Mas é velha e não tem manha
Como o senhor alferes tem...

² Estar sentido da matraca: frase alentejana, talvez local, pois só a ouvimos em Messejana, e que quer dizer estar ofendido.